

A INSTRUÇÃO E O PENSAR AUTÔNOMO

Andressa Alves De Sousa

Há anos a escola é vista como o único espaço de acesso ao conhecimento. Sua organização é pautada na promoção de alunos, para que, desde cedo, tenham resultados satisfatórios em avaliações, sejam aprovados e tenham sucesso futuramente em seus trabalhos, sob uma lógica conteudista. Logo, a escola está sempre visando resultados que serão analisados por meio de avaliações quantitativas, assim como mantém a posição do professor como o detentor do saber e o aluno em uma posição passiva de aprendizagem. Nesse ambiente, prevalece a tutela e existe um processo mecânico que requer uma memorização do que está sendo dito e exposto.

Ademais, é possível perceber que não há a preocupação em provocar os alunos a buscarem conhecimentos daquilo que ainda não se sabe, ou seja, não estão sendo desafiados e incentivados a questionarem e apreenderem. Tomando como base esse cenário, proponho a seguinte reflexão: é possível promover no ambiente escolar uma postura ativa das crianças no processo do exercício do pensar e que contribua para o seu desenvolvimento?

Para responder essa questão, podemos pensar na relação entre a instrução e o desenvolvimento, proposta por Vigotski. É denominada instrução, de acordo com Vigotski (2010), a qual possibilita o desenvolvimento ou uma certa reorganização das funções psíquicas. A aprendizagem visa resultado e a instrução tem como foco o processo. Sendo assim, o indivíduo possui uma posição ativa no seu processo, assim como possibilita certos rearranjos das funções psíquicas e, conseqüentemente, o desenvolvimento em determinado nível (VIGOTSKI, 2010).

É importante trazer para a reflexão o conceito de zona de desenvolvimento iminente. Esse conceito tem como base processos que ainda não estão amadurecidos no percurso do desenvolvimento das mesmas funções (VIGOTSKI, 2010). De acordo com Vigotski (2010), em cada momento da vida a criança terá várias zonas de desenvolvimento iminente. À medida que a criança domina algo, essa zona se retrai, diminui e criam-se outras zonas para outros desafios, é algo dinâmico.

Para Vigotski (2010), considerando a existência de zonas, a escola deveria se preocupar em estimular e criar desafios. Contudo, a escola tradicional tem como foco a aprendizagem, ou seja, aquilo que a criança já sabe, assim como parte do pressuposto de que todas as crianças estão na mesma zona de desenvolvimento iminente.

A instrução, por outro lado, pode possibilitar avanços, visto que focaliza naquilo que a criança ainda não domina. Portanto, a instrução impulsionaria o processo de desenvolvimento, que se materializa em novos hábitos, saberes, resoluções de problemas, entre outros (VIGOTSKI, 2010). A instrução e o desenvolvimento não são paralelos, são dois processos que se relacionam.

Além disso, para Vigotski (2010), o desenvolvimento é autodesenvolvimento, pois há a condução autônoma e voluntária do indivíduo dos seus processos psíquicos. Assim, é necessário criar condições em sala de aula que gerem necessidades às próprias crianças, como dúvidas e iniciativa autônoma na resolução de tarefas. Dadas as condições necessárias, elas possibilitam o exercício do pensar, apreendendo o conhecimento com profundidade. Sendo assim, de acordo com Vigotski (2010), uma instrução satisfatória cria possibilidades de neoformações e não apenas reforçamento daquilo que a criança já domina.

Com relação à figura do professor, ele possui uma responsabilidade nesse processo de instrução. Entretanto, quando o próprio professor prepara, seleciona e expõe apenas aquilo que ele acredita que o aluno deve saber e reproduzir, ele se torna um instrumento da educação e exerce, metaforicamente, um papel de estação repetidora, em que só ele fala e não há participação ativa da criança (VIGOTSKI, 1993). O que está por detrás dessa prática é a tutela, vinculada à crença de que existem inteligências superiores e inferiores.

Se tomarmos essa ideia do professor como estação repetidora, vemos que também Paulo Freire (1987) critica esse tipo de educação que tem como objetivo o ato de depositar algo em alguém. Segundo esse modelo de educação, os educandos são os depositários de conteúdos fragmentados de um conhecimento. Freire (1987) enfatiza, com relação a essa concepção bancária da educação, que a única fronteira de ação que se apresenta aos educandos é a de receberem depósitos, guardá-los e arquivá-los. O saber, nessa visão, é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber (FREIRE, 1987). Portanto, “a rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processo de busca” (FREIRE, 1987, p.34).

Para Vigotski (1993), a educação está enraizada na vida, a ponto de estar em todos os espaços e não mais restrita ao espaço da escola (VIGOTSKI, 1993). Em consonância à ideia de Vigotski, para Illich (1970), a escola desencoraja as demais instituições que constituem tarefas educativas. Assim, o trabalho, o lazer, a política, a vida na sociedade e em família dependem da escola, em vez de se transformarem em meios de educação (ILLICH, 1970).

Portanto, a ideia defendida por Vigotski (1993) é a de possibilitar que a criança tenha uma relação ativa e criativa nos processos a serem realizados, fazendo com que ela seja

introduzida integralmente no sentido da sua produção em si. É o próprio aluno que cria as possibilidades em seu momento de satisfação de sua conquista e avaliação do seu trabalho, conseqüentemente tem-se o despertar de novas inspirações para outras atividades que possa realizar. Logo, o autovalor da educação reside, precisamente, no fato de que o momento final da produção da atividade não está alheio e nem separado de todo o processo (VIGOTSKI, 1993).

Dessa forma, segundo Vigotski (1993), quando abandonamos a ideia de que apenas o professor deve educar, é possível perceber que a educação existe justamente em não educar, pois o próprio aluno se autoeduca. O professor é muito mais um provocador e um organizador do espaço, visto que ele deve despertar o desejo, a necessidade na criança para que ela busque outros conhecimentos (VIGOTSKI, 1993). Se o professor tutela, ele inibe as possibilidades do pensar autônomo.

Levando em consideração tudo que foi desenvolvido no texto, cabe pensar que não há uma única forma e nem um único modelo de educação, assim como a escola não é o único lugar onde ela acontece (BRANDÃO, 2002). De acordo com Brandão (2002), a educação existe em cada sujeito de um povo, em cada povo ou entre os povos que se encontram. Para ele, a educação existe sob formas tão diversas e é praticada em situações tão diferentes que, muitas vezes, parece ser invisível (BRANDÃO, 2002).

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C. R.. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2002
- FREIRE, P.. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- ILLICH, I.. **Por que devemos desinstalar a escola**. Em Sociedade sem escolas. 1970, pp. 21-55.
- VIGOTSKI, L.S.. **A psicologia e o professor**. Em Psicologia pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 1993, pp. 295-306
- VIGOTSKI, L.S.. Sobre a análise pedológica do processo pedagógico. Em PRESTES, Z.R. **Quando não é quase a mesma coisa. Análise de traduções de L.S.Vigotski no Brasil e repercussões no campo educacional**. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade de Brasília, Brasília, 2010.